



# É AS GURIAS DAS ENTREGAS

Em um setor predominantemente masculino, mulheres desafiam as ruas como motogirls e se tornam empreendedoras no ramo das entregas.

**Por: Isadora Stentzler**

**O** anúncio no Facebook que pedia um motoboy com urgência mexeu com Jenifer Daniela Paraná, na época com 23 anos. Há dois meses desempregada e vivendo uma pandemia ao lado do esposo e dos dois filhos, as contas não fechavam. A casa era mantida com a renda de R\$ 900 do marido, aposentado pelo exército. Mas isso não era suficiente. Com o celular do companheiro, se fez então passar por ele até conquistar a vaga oferecida. A surpresa para o patrão só veio naquele dia de março de 2020, quando a olhos altivos a questionou: "Mas você vai dar conta?" E desde então, são dez meses provando que lugar de mulher é onde ela quiser.

Só em Francisco Beltrão, a estimativa de quem trabalha no setor de entregas é de centenas de motoboys, e pelo menos dez mulheres trabalhando como motogirls, em uma profissão predominantemente masculina.

A chegada da pandemia também fortaleceu esse setor. Devido ao isolamento social, os deliveries foram a alternativa para que restaurantes se mantivessem ativos. Além dos motoboys, as motogirls encontraram ali uma oportunidade de carreira.

"Se eu não tivesse me passado pelo meu marido não teria começado"

Jenifer é uma jovem miúda, de 1,53 de altura com pés que quase nem alcançam o chão quando está em cima da sua moto Honda. Mas a fala forte, a postura ereta e decidida a fizeram galgar espaço em um espaço onde a grande maioria continua sendo masculina.

"Acho que se eu não tivesse me

passado pelo meu marido não teria começado”, enfatiza. “Na época não tinha muitas mulheres trabalhando com as entregas ainda. O medo deles [contratantes] é aquele que nem sempre falam: ‘mulher no volante, perigo constante’. Aquele preconceito que eles têm contra a gente. E até ele [empregador] falou pra mim: ‘Meu Deus, tem certeza que vai dar conta de entregar?’ E isso acabou sendo um desafio a mais, pra provar que eu iria dar conta sim, e ele me encorajou também.”

No início, segundo Jenifer, o maior desafio foi o desconhecimento da cidade. Isso porque motoboys mais antigos já conhecem os caminhos, bairros e os atalhos para chegar mais rápido aos destinos. Coisa que demorou para Jenifer conhecer. “Eu me perdia, eu tinha que voltar lá na loja, ele

[patrão] que conhecia mais me explicava, porque até então ele estava fazendo as entregas porque estava sem moto-boy. E depois disso que eu comecei a marcar os nomes das ruas. Hoje eu conheço melhor Beltrão

**Jeniffer Daniela Paraná pretende criar uma empresa para entregas e dar espaço para mais mulheres seguirem no setor.**

**Mesmo com uma baixa estatura e mal alcançando o chão quando está em cima da moto, Jeniffer se desafia todos os dias e mantém viva a paixão pelas entregas.**



que ele”, conta.

Da empresa que lhe deu a oportunidade, Jenifer foi para outra, onde hoje está fixa. O valor das entregas também se tornou atrativos que a fizeram se manter no setor. Alguns dias, chegava a ganhar, bruto, R\$ 200. Na ponta do lápis, em dez dias isso rende R\$ 2 mil. “E nunca que você iria ganhar isso em uma empresa fichada”, diz Jenifer.

A renda permitiu que a família saísse do sufoco, pagasse um consórcio e adquirisse uma nova moto, a Honda com a qual Jenifer trabalha.

Ainda no ano passado, ela abriu uma MEI, para dar garantias ao seu trabalho. Hoje, ela já está em patamar de ME e pensa em empreender no setor. “Quero abrir uma empresa, ter um grupo pra trabalhar pra mim, ter um grupo fechado, pra que eu possa administrar a empresa e eles fazendo a entrega”. Ela ainda pensa em fazer um grupo só de mulheres, dando oportunidade para que outras, como ela, possam galgar espaço nessa área.



**Eliane Andreis**

CRP 08/1095

Pós-graduada em Psicanálise Clínica e Educação Especial.  
Experiência de 15 anos com atendimento infantil e orientação aos pais

elianeandreis@hotmail.com  
☎ (44) 99949-7261



**Mayra Canestraro**

CRP 08/1181

- Psicologia Clínica
- Neuropsicologia

mayracanestraro@hotmail.com  
☎ (44) 99916-7375



**Fabiana Matioda de Araujo**

CRP08/21438

- Especialista em Terapia Cognitivo Comportamental
- Especialista em Psicopedagogia
  - EMDR

psicofab.araujo@gmail.com  
☎ (46) 99910-2317

**Avaliação Psicológica e Cognitiva  
Área Educacional e Pericial**

**Psicologia Clínica**

Rua Ibiporã 333 - Sala 301  
Pato Branco - PR

## “DOU MUITO BAILE EM OUTROS QUE TÃO AÍ”

Jaqueline Cavarzan, de 36 anos, acredita que foi uma das primeiras motogirls do município de Beltrão. Ela trabalhava como segurança, quando começou a fazer entregas para uma outra empresa. De repente, ela estava ligada ao ramo de peças automotivas para motos e, ao lado do marido, resolveu empreender e criar a própria empresa de entregas.

A Beltrão Express, nascida em 2019, também foi impactada com a chegada da pandemia, mas de uma forma diferente que as empresas que fecharam as portas. Dos três funcionários que atuaram por anos, a equipe aumentou para 23, com tabela própria e valorização do trabalho dos entregadores. E ainda que seja responsável pelo local, Jaqueline não deixou de

fazer entregas.

“É meio complicado. Eu ainda consigo fazer entregas e cuidar do celular, meu esposo não consegue. Ele até me deu um intercomunicador, porque eu levei uma multa dos guardinhas por causa do celular. Agora, não. Automaticamente ligo o bluetooth e encosto aqui [na orelha, colado ao capacete]. Às vezes, quando tá muito corrido, mando áudio mesmo pra eles, pergunto quem tá na vez e vai”.

O intercomunicador acoplado no seu capacete fica ligado ao celular, por meio do bluetooth. Assim ela pode atender a chamadas das empresas que solicitam a entrega e notificar ao motoboy ou motogirl que está disponível. Isso garante a agilidade no serviço.

Dar conta das multitarefas pode

Foto: Isadora Stentzler/Gente do Sul



**Jaqueline Cavarzan tem 36 anos e acredita que foi uma das primeiras motogirls do município de Francisco Beltrão.**

# PSIQUIATRIA

DEPRESSÃO | ANSIEDADE | INSÔNIA | TOC

TRANSTORNOS EMOCIONAIS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

DEPENDÊNCIA QUÍMICA | TRANSTORNO BIPOLAR | ESQUIZOFRENIA

***Dra. Nina Maira Parreira Ferreira***

MÉDICA PSIQUIATRA - CRMPR: 31480 . RQE: 18342

ESPECIALISTA EM PSIQUIATRIA DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA RQE 28.337



## NOVO ENDEREÇO

Clínica Bel Saúde - Rua Ver. Romeu Lauro Werlang, 1727 - Francisco Beltrão - (46) 2601-1301 | (46) 9.8821-2111



Foto: Isadora Stentzler/Gente do Sul

### Intercomunicador acoplado no capacete de Jaqueline permite que ela organize as entregas e ainda continue trabalhando as ruas.

parecer desafiador, mas para Jaqueline é uma paixão. Não à toa, além de entregas para Beltrão, ela atende clientes em outras cidades, não só do Paraná, mas até do Rio Grande do Sul, fazendo longas viagens em cima de sua moto. Por isso, sem falsa modéstia, quando perguntada sobre a presença feminina dentro de um setor historicamente masculinizado, ela diz: "Tem muitos que 'ah, é mulher, será?'. Particularmente, eu dou muito baile em outros que tão aí que querem ser os tal."

O plano de Jaqueline, ainda vai além: Transformar a Beltrão Express em uma transportadora. Enquanto trabalha nesse sonho, fortalece o ramo e também possibilita que outras mulheres, assim como ela, integrem a equipe e se tornem entregadoras.

### "Pretendo continuar na profissão"

Jéssica Sibila de Souza Cella, de 29 anos, foi convidada pelo marido de Jaqueline para ingressar na Beltrão Express. O convite veio ao acaso, enquanto fazia uma entrega para o restaurante da cunhada. Era outubro do ano passado. Após ficar desempregada ao sair de uma loja, onde trabalhava como vendedora, ela se ofereceu para a cunhada para fazer as entregas de marmitas. Por ser em um horário curto, ela também poderia dedicar mais tempo ao filho, que devido à pandemia teve as aulas presenciais canceladas.

Foram 15 dias de trabalho para que o marido de Jaqueline a notasse na rua e a convidasse para somar na equipe. "Sempre fui apaixonada por moto, porém nunca tinha pensado em trabalhar com entrega, mas estou adorando".

Por ser mãe, Jéssica também pode adaptar os horários para permanecer mais tempo com o filho, o que garante a ela autonomia no serviço. Hoje, ela trabalha das 11 às 13h, para um restaurante, e das 18h à meia-noite, para a Beltrão Express.

Jéssica não pensa em mudar de ofício. Embora nunca tenha sonhado, o gosto pela moto e o apreço pela liberdade lhe motivam a seguir na área. Hoje ela é conhecida por andar com tranças coladas ao capacete. E vê barreiras que já dividiram os homens e mulheres sendo rompidas com a ascensão das gurias no setor.

"Os clientes várias vezes falam: 'Nossa, que legal, uma mulher'. Ou: 'Nunca tinha vindo uma mulher

entregar aqui'. A maioria dos clientes comenta sobre meu capacete também pelo fato de ter tranças. Teve um cliente que falou pra mim: 'Agora sim, era só o que faltava mesmo, até essa profissão vocês vão roubar dos homens, lascou pra nós'", e ri ao lembrar.

## PANDEMIA IMPULSIONA SETOR

Motogirl há pouco mais de um ano, Bruna Gonçalves dos Santos, de 27 anos, deixou o trabalho em uma autopeças para se dedicar às entregas em uma transportadora com o marido. "Hoje em dia eu não troco essa profissão pra trabalhar em um lugar fechado. Super me adaptei. Gosto bastante, prefiro estar na rua, fazendo meus horários", aponta.

Na pandemia, o casal que atua com e-commerce, levando os pedidos feitos pela internet até os clientes, viu o serviço dobrar, o que fez Bruna se fixar ainda mais no setor e projetar a ascensão das mulheres na atividade.

"Dobrou o volume de entregas diárias. Queria achar uma mulher que fizesse entregas e que não estivesse trabalhando. A maioria que eu encontrei já estava trabalhando fixo em algum lugar, mas acredito que a pandemia ajudou muitas mulheres a se envolver nessa área", aponta.

Todos os dias, as entregas chegam entre 16h e 18h e o casal mais uma equipe fazem a separação dos produtos e traçam a estratégia das rotas de entrega, que serão feitas a partir da manhã do dia seguinte. À noite, ela faz entregas para restaurantes. Embora nunca tenha sonhado com esse serviço, assim como as demais motogirls ouvidas pela reportagem, foi onde encontrou sua autonomia e liberdade e de onde não pretende sair.

"Pretendo seguir na profissão. É uma coisa que gosto, que me identifiquei muito. Temos uma microempresa de motofrete que a gente presta serviço em alguns lugares, fora o nosso serviço do dia. E eu pretendo ter uma segunda opção em mente, caso venha acontecer alguma coisa e eu tenha que parar com a profissão. Mas a princípio é o que eu quero, é o que gosto. Pretendo continuar nessa profissão, sim."

Foto: Isadora Stentzler/Gente do Sul

